

RESENHA

Bacelar, Jeferson. GINGAS E NÓS: O JOGO DE LAZER NA BAHIA, Salvador, 1991, Ed. Fundação Casa de Jorge Amado.

É voz corrente dizer que o futebol é uma grande paixão brasileira, fato comprovadamente verdadeiro visto a mobilização nacional por ocasião das copas do mundo, apesar dos freqüentes insucessos da nossa seleção. O curioso é que este interesse nacional, não sem razão tido como componente da identidade do brasileiro (flamenguista!, vascaíno!, bahia!, vitória!... todos nós expressamos ocasionalmente uma identidade de torcedor), não tenha merecido uma investigação mais sistemática por parte das ciências sociais, sobretudo no que diz respeito ao futebol praticado pelo povo.

Recém-lançado pela Fundação Casa de Jorge Amado, chega às nossas mãos o livro "Gingas e nós: o jogo de lazer na Bahia", do antropólogo e professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Jeferson Bacelar. O livro, pela significativa contribuição ao entendimento de uma das mais importantes formas de lazer da sociedade brasileira – o futebol praticado no bairro e no fim de semana, o nosso famoso baba! –, merece não

somente a atenção dos especialistas em ciências sociais, que assim dispõem de uma etnografia séria e competente sobre certa vivência social das camadas populares, como também, a leitura de toda e qualquer pessoa que, de alguma forma, se interesse pela história e cultura nacionais.

O autor começa o livro expondo a concepção de futebol que seu estudo pretende alcançar, "como um componente da vivência de trabalhadores e negros de um bairro popular de Salvador" (p. 21), em que inexistem alguns aspectos que dão coloração particular àquele profissionalmente praticado: torcedores, equipe técnica e aprimoramento físico. Futebol que o autor toma "como um modo de ser, construído no seu dia a dia, capaz de gerar um tempo de expressão de sua linguagem, novos poderes, formas próprias de interação e relativa autonomia" (p. 21).

Para efetuar a análise que se propõe, Bacelar organiza seu livro de maneira a imediatamente enfocar alguns elementos teórico-metodológicos fundamentais à sua apreensão antropológica. Com efeito, o antropólogo, que também se fará presente como jogador, pesquisador e participante do objeto de pesquisa – veja-se a propósito o capítulo "O Nativo e o

Antropólogo” –, introduz-nos numa indispensável discussão sobre o caráter metodológico constituinte do trabalho científico.

No seu entendimento, torna-se inevitável direcionar o caminho da aventura antropológica – que em certo sentido pode ser entendida como a romântica vocação para o testemunho do “outro”, própria à profissão do antropólogo – para o processo de transformação da sociedade, tão rapidamente, entre nós, tornada moderna e urbana. Assim, no capítulo denominado “O Antropólogo e o Urbano”, procura superar algumas ambigüidades concernentes ao trabalho de campo, desenvolvido sob a forma de micro-sociologias no âmbito de sociedades mais complexas, a partir da distinção entre duas unidades constitutivas da pesquisa sócio-antropológica: a observação e a investigação.

“A unidade de observação do nosso estudo”, diz-nos o autor, seriam “(...) os pequenos grupos de moradores da ‘Ondina’, nas quadras da Boca do Rio, aos domingos, nos anos de 1987 e 1988” (p. 127), unidade esta, estabelecida arbitrariamente, dentro da qual se desenvolveriam as interações, cujas interrelações são percebidas pelo observador.

Já a unidade de investigação seria imposta a partir da observação, “(...) pois tratamos de homens participando, mesmo a nível de comportamento interpessoal, de uma série de processos envolvidos na transformação de uma sociedade moderna e urbana” (p. 27). Desta forma, a unidade de investigação é entendida como uma análise de processos sociais.

Assim, no capítulo intitulado “O Bairro na Cidade”, Bacelar traça um

perfil do desenvolvimento do bairro da Boca do Rio, *locus* de sua pesquisa, de forma a nos dar um quadro fundamental de sua ocupação, urbanização e valorização do solo, bem como da especulação imobiliária desta decorrente, elementos que estariam implicados no modo de vida daqueles que são os sujeitos de sua investigação, sobretudo devido a alguns processos coletivos de luta pela moradia.

A parte final do livro, intitulada “O Baba: Uma Festa do Povo”, seguramente a mais densa, realiza ao mesmo tempo que uma descrição eficiente do jogo como é jogado, uma leitura teórica das mais proveitosas sobre o universo de significações, mediante o qual os jogadores igualmente jogam, “ao jogar o jogo”. Significações estas que tornam o lúdico em festa, que hierarquizam os jogadores de acordo com seu maior ou menor prestígio, que conferem normas diante da ausência de regras e de juízes, que segregam o campo e seus arredores como um território masculino, que expressam, como uma ritualidade, formas vigentes de sociabilidade... e que, sobretudo, fazem o baba gostoso de ser jogado.

Ao fim da leitura, lamenta-se apenas a brevidade do texto, ficando a expectativa de que o tema tenha desdobramentos em outros trabalhos, de caráter acadêmico ou não.

P.S. – É de se lamentar também, que este livro, como muitos outros títulos da recente ciência social baiana, seja dificilmente encontrado nas livrarias.

Cláudio Luiz Pereira
Antropólogo (FFCH/UFBA)